

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NO VOCABULÁRIO DO FUTEBOL¹

João Machado de Queiroz²

RESUMO: A partir de uma investigação sistemática em jornais do eixo Rio São Paulo, procedeu-se a uma averiguação metódica das constantes lexicais referentes a empréstimos lingüísticos empregados e disseminados pela mídia impressa contemporânea, quando veiculam assuntos relativos ao universo do futebol. Procurou-se analisar a trajetória e os processos lexicogênicos que determinaram a integração dos neologismos por empréstimo, empregados na linguagem particular do futebol, ao léxico global da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; lexicologia; neologismo; empréstimos; estrangeirismos.

ABSTRACT: Through a systematic investigation done in newspaper from Rio de Janeiro and São Paulo, a methodological research was performed about the constant lexical referring to some language terms taken from foreign countries and spread from the contemporary press media, when subjects related to soccer are brought up. An effort was made in order to analyze the ways and the lexical processes that determine the integration of the neologism used in the soccer particular language to the global lexical that the language is for itself.

KEYWORDS: Lexical, lexicology, neologism, foreign words.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo dimensionar o registro do futebol na mídia impressa, por meio de suas normas peculiares de escrita, averiguar o grau de formalização e a intensidade de ocorrências do emprego de itens lexicais vindos de outros sistemas lingüísticos, notadamente os da língua inglesa.

O futebol, surgido na China em 2600 a.C., chegou à Península

¹ Originariamente este artigo é uma adaptação de um capítulo do projeto de tese de doutoramento em Letras intitulado: “O vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola.”

² Doutor em Letras pela Unesp/Assis é professor do Centro de Educação e Letras da Unioeste/Foz.

Itálica por volta do Séc. X a.C, trazido pelos gregos e, posteriormente, foi levado às Ilhas Britânicas pelos romanos, onde, já no início do Séc. XIX, recebeu regras que o normatizaram como esporte.

Por volta de 1874, o futebol chegou ao Brasil por intermédio de marinheiros ingleses. A princípio, a nova e elitista modalidade esportiva era geralmente praticada em praias e campos improvisados por empregados de empresas britânicas que formavam seus times e, também, por jovens de famílias abastadas que iam estudar na Europa e lá tomavam contato com o futebol.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por meio de um acompanhamento sistemático, na mídia impressa brasileira, procedeu-se a uma pesquisa de caráter temático-lexical que obedeceu às seguintes orientações metodológicas:

1ª Fase: Levantamento bibliográfico envolvendo os pontos básicos que serviram de aparato teórico ao desenvolvimento do trabalho;

2ª Fase: Levantamento do *corpus* - os empréstimos originários da língua inglesa que, fundamentalmente, constituem o *corpus*, foram rastreados na mídia impressa (jornais e revistas em suas modalidades convencional e *on line*). O observatório restringiu-se a um levantamento na imprensa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de um recorte cronológico com início em 1995 até 2004. A imprensa do eixo Rio-São Paulo foi escolhida como foco de observações pela facilidade operacional.

3ª Fase: Análise dos itens lexicais, constitutivos do *corpus*, pela sua lexicogênese, da tipologia neológica e das adaptações fonéticas, ortográficas e morfossintáticas que ocorrem com os empréstimos, para que seja realizada sua integração ao léxico² global da língua portuguesa.

4ª Fase: Consulta e cotejo dos itens lexicais extraídos no *corpus*, com o *Dicionário da Língua Portuguesa – Novo Aurélio Séc. XXI*³ e o *Prático Dicionário Michaelis – Português- Inglês e Inglês-Português*, a fim de catalogá-los, como *estrangeirismo* ou *empréstimo*.

² Conjunto de palavras de uma língua.

³ Adotou-se como referencial o *Novo Dicionário Aurélio – Séc. XXI* por se tratar de uma publicação atualizada que registra e define regionalismos, gírias e vocábulos da linguagem técnica.

Os itens lexicais que constituem o corpus do trabalho foram analisados, em sua tipologia neológica, pelas concepções teórico-lingüísticas propostas por Alves (1990).

A LINGUAGEM DA IMPRENSA

Optou-se, neste observatório, por direcionar as atenções no registro da imprensa escrita (convencional e *on line*), por ser ela portadora de um estatuto mais substancial e formal em relação à imprensa falada.

O registro jornalístico caracteriza-se pela função referencial⁴, por introduzir o leitor na realidade do mundo, conciliando a eficiência da comunicação à receptividade social.

Basicamente, a diferença entre a mídia⁵ esportiva impressa e a mídia esportiva eletrônica (rádio e televisão) está no tratamento que cada uma delas dá à sua matéria prima: a *palavra*⁶.

Ao contrário do profissional que milita na imprensa falada, o redator esportivo, via de regra, cultiva uma linguagem que difere da de outros órgãos de divulgação em massa, embora, democraticamente, compartilhe inúmeros vocábulos e expressões utilizados por suas coirmãs (rádio e televisão). Percebe-se, contudo, que o redator tem sua criatividade semântico/vocabular delimitada pelos espaços correspondentes às colunas do jornal⁷ ou da revista⁸ que publicam seus textos, o que justifica o emprego de uma linguagem mais conservadora.

⁴ Função, voltada para o contexto - define as relações entre a mensagem e o objeto ao qual se refere.

⁵ Agrupamento dos meios de comunicação. [Do latim *media*].

⁶ Unidade lexical escrita.

⁷ Periódico, de tiragem regular, com folhas soltas, no qual são publicadas notícias, entrevistas, informações, anúncios, etc.

⁸ Publicação de circulação mensal, quinzenal ou semanal, de formato variado, com folhas grampeadas, ou em brochura, abordando assuntos especializados ou variados.

NEOLOGIA E NEOLOGISMO

Cabello (1991: p.323) explicita a distinção entre neologismo e neologia:

Cumpra ressaltar a diferença entre neologismo e neologia. Neologia lexical é a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em virtude das regras de produção incluídas no sistema lexical. Neologia é, pois, o fato e neologismo, o vocábulo, a criação vocabular nova.

Depreende-se que o neologismo é uma criação lexical recente, uma acepção nova outorgada a um item lexical já existente na língua, ou a um item lexical adotado de outro idioma.

Barbosa (1996: p. 290) denomina *neologismo alogênético* ao item léxico trazido de outra língua, em oposição ao item léxico autóctone, emprestado no interior do próprio sistema lingüístico (neologismo semântico ou conceptual) e assim o define:

Deve-se distinguir, inicialmente, o empréstimo interno e o empréstimo externo de palavras. Pelo primeiro, entende-se o movimento que se realiza entre vocabulários regionais, entre vocabulários profissionais, entre estes e aqueles ou, ainda, entre tais vocabulários e o vocabulário geral. O segundo refere-se ao empréstimo de um sistema lingüístico, integrante de uma macrossemiótica, faz de palavras de outro sistema lingüístico, pertencente a outra macrossemiótica.

ESTRANGEIRISMO X EMPRÉSTIMO

Os *lexemas*⁹ oriundos de outros sistemas lingüísticos se constituem em *estrangeirismos* ou *empréstimos*.

A maioria dos estrangeirismos se localiza no interior de *linguagens de especialidade*, denominadas *tecnoletos*¹⁰ (linguagem dos esportes, do jornalismo, da publicidade, etc.).

Estrangeirismo (e suas variantes terminológicas: *xenismo* e *cenismo*) é aplicado ao lexema adotado que permanece com sua grafia original ao se incorporar à língua adotante (mesmo sendo amplamente utilizado pela comunidade). Exemplo: *dopping, goal keeper, off-side, play-off, rusch, sprint, etc.*

O item léxico é classificado como *empréstimo*, quando sofre processo de integração ortográfica e morfológica na língua adotante e passa a ser de domínio corrente, deixando de ser notado como vocábulo importado. Exemplos: beque [ing. *back*], gol [ing. *goal*], futebol [ing. *football*], chute [ing. *shoot*], etc.

Sobre a integração do *empréstimo* ao léxico geral da língua, Barbosa (1996: p. 292) observa:

Um termo só será considerado empréstimo propriamente dito, quando, numa fase ulterior à da adoção verdadeira pela integração e generalização, tiver alcançado alta freqüência e distribuição regular pelos falantes, a ponto de não ser mais sentido como estrangeiro.

⁹ Unidade léxica de forma básica e com significado pleno.

¹⁰ Tecnoletos são línguas de especialidade, de natureza técnica ou científica.

¹¹ Denominados anglicismos.

¹² Por haver sido regulamentado nas Ilhas Britânicas, o futebol é conhecido como o "esporte bretão".

A presença marcante de *estrangeirismos* e *empréstimos* de origem inglesa¹¹, no jargão futebolístico, é justificável, já que foi na Inglaterra onde se regulamentou e se desenvolveu o futebol como hoje é conhecido¹².

Outras línguas, embora com um menor índice de produtividade, também contribuíram na formação do tecnoleto do futebol: Italiano = *libero* (jogador que atua desmarcado) - Espanhol = *-firula* (virtuosismo), *-alabrado* (cerca de arame que circunda o campo), *-copa* (taça) *-gandula* (apanhador de bolas) *zagueiro* (beque) - Francês = *-equipe* (time), *-placard* (mostrador), etc.

O espanhol platino ainda forneceu *cancha*, vocábulo que havia recebido do *quíchua*, língua nativa do Peru, e que passou a ser empregada aqui, praticamente, com a mesma acepção (campo de futebol).

Dentre os motivos que levam o profissional de imprensa a utilizar com tanta frequência itens léxicos importados, podemos destacar:

- a) a inexistência de item lexical vernacular que possa, com eficácia, substituir o empréstimo;
- b) o desconhecimento, por parte do jornalista, de item lexical similar dentro do vernáculo;
- c) necessidade de auto-afirmação profissional, demonstrando domínio de uma língua estrangeira;
- d) ganho de expressividade;
- e) esnobismo.

As traduções e adaptações de vocábulos estrangeiros indicam uma preocupação editorial de eliminar tudo o que pode ser obscuro para um leitor de menor grau de escolaridade.

Convém observar que, embora seja freqüente a presença de itens lexicais importados na linguagem do futebol, eles, em sua grande maioria, já não conservam a grafia original, ou seja, já se encontram fonética e ortograficamente acomodados às normas estruturais da língua portuguesa.

As adoções que ainda se mantêm inalteradas, conservando a grafia original, quando empregadas, recebem marcas distintivas, estipuladas em *Manuais de Redação*¹³ que, em regra, obedecem às seguintes padronizações:

- a-) colocados entre aspas: *De início, o Corinthians, encetou uma “blitz” irresistível, perdeu dois gols e, aos 10 minutos, córner da esquerda, Devid de cabeça, rede.* (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 11-04-2002)
- b-) impressos em negrito: *A **Football Association Cup** – Copa da Inglaterra, mãe de todas as copas, criada em 1872, é disputada*

¹³ *Manual de Redação* é um livro de circulação interna que os jornais fornecem a seus jornalistas, veiculando informações úteis para o desempenho de suas atividades profissionais, auxiliando seus redatores a escrever com fluência e respeito às regras da língua portuguesa, proporcionando ao leitor meios para a descodificação do registro escrito.

anualmente pelos 92 clubes das quatro principais divisões do país. (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ - 10-06-2003)

- c-) impressos em itálico: A equipe campeira faz o **derby**¹⁴ da cidade contra a Ponte Preta no Estádio Moisés Lucarelli. (FSP, /www.folha.com.br/ - 18-08-99)

¹⁴ Realce em negrito de responsabilidade do autor.

Os primeiros registros jornalísticos sobre a linguagem do futebol no Brasil caracterizavam-se pelo emprego de uma terminologia de origem inglesa, com itens lexicais mantendo sua grafia original: *ball in play* (bola em jogo), *center back* (zagueiro central), *club* (clube), *full back* (zagueiro), *goalkeeper* (goleiro) *hand* (mão), *match* (jogo), *rusch* (escapada), *time* (tempo), etc. A partir dos anos sessenta, em razão da conquista de duas Copas Mundiais consecutivas (1958 e 1962) e, com o prestígio internacional advindo desses triunfos, a terminologia importada foi perdendo sua condição de tecnoleto, nascendo um vocabulário em língua portuguesa para assuntos relacionados ao futebol.

Dentre os anglicismos vocabulares, observa-se que poucos conservaram a primitiva integridade fonética e ortográfica, pois sua origem foi aos poucos se diluindo, sendo que tais mudanças foram, basicamente, determinadas pelos seguintes fatores:

- foram traduzidos: *center-foward* para centroavante; *free-kick* para tiro livre; *dangerous play* para jogo perigoso, *goal average* para média de gols, *goalkeeper* para guarda-metas; *half time* para meio tempo, *inside right* para meia-direita, *linesman* para juiz de linha, assistente, bandeirinha; *overtime* para prorrogação, *referee* para árbitro, etc,
- foram aportuguesados: *back* para beque, *goal* para gol, *corner* para escanteio, *dribling* para drible (popularmente *dibre*); *score* para resultado, etc.
- pela somatória desses dois processos: *crack* para craque, *foul* para falta, *gol kick* para tiro de meta, *leader* para líder, etc.

PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS

Valendo-se do plano morfossintático torna-se possível averiguar se um item lexical estrangeiro está integrado ou se integrando à língua receptora:

- 1) Pela composição: quando um lexema estrangeiro servir de base para composições [goal = gol] - gol espírita, gol de letra, gol olímpico, etc;
- 2) Pela derivação: quando um servir de base para anexação de prefixos e/ou sufixos: - [back = beque] becão, becaço, bequinho,
- 3) Pela flexão de gênero e número: quando o item lexical adotado adapta-se ao sistema flexional da língua adotante: *júnior* (masculino singular) - *juniões* (masculino plural), *máster* (masculino singular) > *másteres* (masculino plural).
- 4) Pelo decalque. O decalque é uma apropriação de caráter terminológico decorrente de contaminações lingüísticas fixadas pela proximidade de uma língua em relação a outro sistema lingüístico. Exemplo: [Do ing. *half time* = meio tempo] - [Do ing. *gold goal* = gol de ouro].
- 5) Pelo aspecto semântico: quando um vocábulo adotado, para possuir uma única acepção (monossemia), acaba por torna-se plurissignificativo (polissêmico): *manager* - a princípio empregado para designar apenas o treinador, hoje utilizado, também, com a acepção de empresário
- 6) Pelo aspecto fonológico: um estrangeirismo começa a fazer parte do léxico da língua receptora a partir do momento que se adapta aos seu padrões fonéticos: [Do ing. *shoot*] = chute (português).

¹⁵ Sigla da *Fédération Internationale de Football Association*, órgão máximo do futebol mundial que tem sua sede em Zurique, na Suíça.

Torna-se necessário enfatizar que inúmeros tipos de eventos futebolísticos de caráter oficial, sob o respaldo da FIFA¹⁵, entre os quais destacam-se a Copa do Mundo de Futebol, realizada de quatro em quatro anos (alternando continentes e países) e disputada por diferentes povos, são responsáveis pelo incessante intercâmbio lingüístico envolvendo, disseminando e padronizando a terminologia do futebol.

A maioria dos anglicismos, incorporados ao vocabulário do futebol, pertence à classe gramatical dos nomes (substantivos e adjetivos), embora existam, em menor escala, empréstimos de verbos

ANÁLISE DO CORPUS INSTITUÍDO

A seguir, exemplos de *estrangeirismo* e *empréstimos*, extraídos do *corpus* investigado.

a) *Estrangeirismos*: Mantêm a integridade fonética e conservam a grafia do idioma de origem. Caracterizam-se por não apresentar registro em dicionários de língua geral.

blitz s.f. [ing. *blitz*]. Sucessão de ataques de uma equipe sobre a defesa adversária. *De início, o Corinthians, encetou uma blitz irresistível, perdeu dois gols e, aos 10 minutos, córner da esquerda, Devid de cabeça, rede.* (DSP, /www.diariosp.com.br/- 11-04-2002)

championship manager s.m. [ing. *championship manager*] Jogo de computador (game) que simula a administração de um time de futebol. *A facilidade com que o Cruzeiro compra jogadores gerou até uma piada, a de que Wanderley Luxemburgo está brincando de **Championship Manager** no time mineiro.* (FSP, /www.folhas.com.br/ - 09-09-2003)

catenaccio s.f. [it. *catenaccio*]. Item léxico que corresponde a tradução literal, para o italiano, do célebre “ferrolho.” *A imprensa italiana está celebrando a volta pra valer daquilo que a “Gazzetta Dello Sport” teve o desplante de chamar de a arte do **catenaccio**.* (DSP, /www.diariosp.com.br/ - 24-04-2003)

fairplay s.m. [ing. *fairplay*]. Valorização do ato de competir como veículo de interação, integração e confraternização entre os atletas. *E Luís Felipe, meio sem jeito para brincar, até porque lhe falta uma boa dose de **fairplay** vive pisando na bola.* (GE, 26-09-97- p. 04)

golden goal sn. [ing. *golden goal*]. Primeiro tento marcado durante o período de prorrogação, em decorrência de um empate no tempo regulamentar, encerrando a partida e tornando vencedora a equipe que marcou esse gol. Trata-se de um decalque do anglicismo “golden goal”. *E levantou o caneco, quando aos quatro minutos do primeiro tempo marcou o **golden goal**.* (Lce, /www.lancenet.ig.com.br/ - 20-02-2000)

hoolegans s.m. [ing. *hoolegans*]. Torcedores ingleses, extremamente violentos, que causam tumultos antes, durante e após as partidas de futebol. *A Inglaterra reprimiu os **hooligans** através de imagens da televisão.* (Plc. nº 1107 - set/95 - p11)

linesman s.m. [ing. *linesman*]. Juiz de linha. Item lexical em desuso. *Naqueles tempos do início da prática do futebol, os termos ingleses eram comuns no vocabulário do “esporte bretão”, desta maneira o juiz era denominado “referee” e os bandeirinhas **linesman**.* (Lce, - /www.lancenet.ig.com.br/ - 02-01-2003)

masters s.m. [ing. *master*]. Ex-jogador profissional ou amador, com idade igual ou superior a 40 anos, que disputa

jogos amistosos de exibição. Os **masters** do Corinthians continuam sendo atração em várias cidades de São Paulo e até na capital. (GE, 26-03-2001 - p. 04)

match s.m. [ing. *match*]. Jogo de futebol. Em 1902, extensa matéria publicada em O SPORSMAN, noticiava um **match** de futebol realizado no gramado interno do hipódromo de Cidade Jardim entre as equipes do Clube Atlético Paulistano e da Sociedade Esportiva Internacional. (GE, 19-03-2001 - p. 02)

off-side s.m. [ing. **off-side**]. Posicionamento ilegal de um jogador de uma equipe atacante. O vocábulo foi traduzido para *-fora-de-jogo* ou *impedimento*. Na gíria do futebol recebe a irônica denominação de “banheira”. Os dirigentes do futebol brasileiro protestaram energicamente contra a facciosa arbitragem do juiz inglês, baseando-se o aludido protesto no fato de haver sido validado um tento em clamoroso **off-side** e uma penalidade máxima, cobrada contra os brasileiros e que motivou o terceiro tento dos húngaros, absolutamente inexistente. (Plc, / www.placar.com.br/ - 15-02-2003)

overlap s.m. [ing. *overlap*]. Sobrepor-se ao adversário, passar e receber a bola, em seqüência, mais adiante, no espaço entre o adversário e a bola. *Vamos em frente. Lembra do drible da vaca? Apesar dos campos continuarem com a grama - menos em Brasília, onde comeram toda ela - tiraram a vaca de campo - o drible da vaca agora se chama **overlap**.* (GE, / www.gazetaesportiva.com.br/ - 28-04-2002)

playoff s.m. [ing. *play off*]. Fase final de um campeonato onde os finalistas jogam entre si, em partidas de ida e volta, num processo eliminatório. *Com a vitória de 4 a 1 sobre o Corinthians, o Palmeiras voltou a brigar por uma vaga nos **playoffs** do brasileiro e ganhou moral para a disputa contra o Manchester.* (Lce, 14-09-99 - p. 02)

rusch s.m. [ing. *rusch*]. Investida com ímpeto sobre o campo adversário. Vocábulo em desuso. *E os deuses quiseram naquela tarde o sacrifício de Gilmar: 7 a 3 para a Portuguesa, quatro gols de Julinho Botelho e três do meia-esquerda Pinga – este era um atacante veloz de **rush** impressionante e de arremate certeiro.* (As Incríveis Histórias do Futebol, p. 74)

sprint s.m. [ing. *sprint*]. Lance em que um atacante, de forma inesperada, se projeta em alta velocidade com a bola

dominada em direção à meta adversária O Palmeiras, de fato, chegou a dar essa impressão. Diego Souza e Vágner até tentaram outras tabelas com Anselmo, mas na hora em que o time precisou do **sprint** final para consumir a vitória, faltou vibração. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 01-06-2003)

toss s.m. [ing. toss]. Ato de o árbitro realizar, no interior do grande círculo, o sorteio para a escolha de campo e do direito de dar a saída de bola para o início da partida. *Não sei quem ganhou o **toss**, mas o cartola do flamengo, Marcelo Leone dos Santos, diz que sabe — e quer matá-lo!* (GB, /www.oglobo.com.br/ - 10-02-2003)

WM s.m. [ing. WM]. Acronímico que designa a tática defensiva global onde os jogadores, com exceção do goleiro, distribuíam-se no campo de jogo de tal forma que cada um deles preenchia um ponto imaginário constituído pelo ângulo formado pelas **W** e **M**. *Um inglês, Chapman, até deram um nome, “**WM**”, a seu esquema porque os jogadores, em linha, eram distribuídos em campo nos ângulos e pontas das letras “**W**” e “**M**”. (GE, 10-11-2000 - p. 10)*

WO s.m. [ing. walke over]. Acronímico de origem inglesa que designa a desistência, por não comparecimento, de um dos participantes de uma competição esportiva, sendo declarado vencedor o que compareceu. *Scheidt, atuando assim, será uma presa fácil para Elano, Robinho e Diego – era melhor o Timão nem entrar em campo, perder por **WO**, e vencer a segunda partida. (GE, /www.gazetaesportiva.com.br/ - 06-12-2002)*

b) Empréstimos: Adaptam-se aos padrões fonético, ortográfico, e morfossintático da língua adotante. Caracterizam-se por possuírem registro em dicionários de língua geral.

beque s.m. [ingl. back]. Zagueiro. Empréstimo lingüístico, adaptado às normas ortográficas vigentes, de grande produtividade, do qual derivam: *bequinho, becão, becaço*; além dos compostos: *beque-de-fazenda, beque-da-roça, beque-de-espera*, etc. *Fosse o perigo que fosse, o **beque** Domingos da Guia preferia sair driblando. (Plc, nº 1114 - abr/96 - p. 61)*

craque s.m. [ing. *crack*]. Jogador que se distingue dos demais por ser dotado de grandes predicados técnicos. Esse anglicismo origina-se de uma onomatopéia: o som de alguma coisa se quebrando, ou no sentido figurado, a ruptura de alguma coisa consolidada. Antes de migrar para a linguagem do futebol, o vocábulo era, apenas, empregado na linguagem do turfe para designar cavalos que estabeleciam recordes, ou seja, aqueles que quebravam padrões anteriormente estabelecidos *Em junho o mundo parou para ver os maiores craques do planeta em ação na Eurocopa.* (Plc, nº 1117 - junho/97 - p. 20)

córner s.m. [ingl. *corner*]. Infração que se cobra colocando a bola no ângulo formado pela linha lateral e pela linha de fundo quando a bola for posta para fora do campo por jogador da equipe que está sendo atacada *Vai pra lá, vai pra cá, já no segundo tempo, o bandeirinha resolveu marcar córner numa bola claramente defendida pelo goleiro do Santos, Adriano, dentro do campo, a um palmo da risca, pelo menos.* (DSP, / www.diariosp.com.br/ - 20-01-2003)

dérbi s.m. [ing. *derby*]. Partida disputada por dois clubes tradicionais, da mesma cidade ou do mesmo estado. Vocábulo do domínio do turfe – referência à tradicional corrida de cavalos realizada anualmente na Inglaterra, o “Derby Epsom”, que, por associação semântica, migra para a linguagem do futebol. *Sem chances de classificação para a próxima fase, mas ameaçados pelo rebaixamento, os clubes encontraram na história de 90 anos de rivalidade do dérbi a única maneira de motivar seus jogadores.* (FSP, /www.folha.com.br/ - 05-04-2002)

equipe s.f. [fr. *équipe*]. Grupo de jogadores que fazem parte de uma agremiação esportiva. *A equipe tem os mesmos 9 pontos do Guarani, mas com dois jogos a menos.* (FSP, Cad. Esp. 18-08-99 - p. 01)

escore s.m. [ingl. *score*]. Número de gols obtidos pelas equipes durante uma partida. *O São Paulo ganhou três vezes por escores dilatados, o Cruzeiro, o Flamengo e o Palmeiras uma vez cada.* (ESP, Cad. Esp. 26-09-99 - p. 03)

gol s.m. [ing. *goal*]. Conjunto formado pelas traves superior e inferiores. Do inglês “goal”. O vocábulo tem a acepção de alvo, objetivo. Na pronúncia brasileira, o fonema alveolar –l, em posição final, é realizado como a semivogal –w [gow], justifi-

cando assim o plural [gows], grafado -gols¹⁶ - em vez de -goles ou -golos, como determinam as regras de flexão nominal em língua portuguesa. Com um **gol** de *pênalti*, marcado pelo atacante Dodô, o tricolor venceu o Timão no péssimo clássico de ontem, no estádio do Pacaembu. (NP, 01-09-97 - p. 06)

¹⁶ A seqüência -ls não faz parte das possibilidades flexionais de número em língua portuguesa, portanto a flexão gol -gols se constitui em uma aberração lingüística.

libero s.m. [it. *libero*]. Jogador que atua atrás dos zagueiros, como último homem da defesa à frente do goleiro, sem marcar especificamente nenhum adversário, com o objetivo de cobrir eventuais falhas que venham a ser cometidas por eles, mas com liberdade de projetar-se ao ataque. O treinador, neste jogo, vai utilizar o esquema de **libero**, com três zagueiros. (NP, 06-07-97 - p. 05)

placar s.m. [fr. *placard*]. Local onde são anotados os tentos obtidos pelas equipes durante o jogo. Do ingl -*placard*: marcador, anúncio No último minuto de partida em um raro lance de inspiração de Ricardinho, o meia deu um belo passe para Rogério que teve a tranqüilidade de driblar o goleiro e fechar o **placar**. (FSP, /www.folha.com.br/ - 13-02-2003)

pique s.m. [ing. *peak*]. Investida em alta velocidade com a bola dominada Segundo o médico da Seleção Argentina, Donato Villani, o lateral Sorin deu um **pique** durante a sessão de treinos e não suportou mais as dores na coxa esquerda. (ESP, /www.estadao.com.br/ - 04-09-2001)

time s.m. [ing. *team*]. Equipe de futebol. O **time** conquistou 65% de seus pontos como visitante, o melhor aproveitamento entre as 22 equipes so campeonato. (FSP, /www.folha.com.br/ 17-01-09-99)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de criação mental (neologia) não acontece de forma caótica, mas dentro de uma dinâmica que amplia e simultaneamente enriquece o sistema lexical de uma língua, podendo perfeitamente ser passível de controle no que concerne à tipologia e à lexicogênese. O neologismo por empréstimo ocorre quando um item lexical originário de outro sistema lingüístico é empregado e passa ser codificado pela língua adotante.

No mundo lusófono, o Brasil é, inegavelmente, o país mais receptivo à adoção de itens lexicais estrangeiros.

Um vocábulo importado pode substituir outro (com igual nível de equivalência) já existente na língua adotante ou estabelecer com ele um processo de convivência pacífico, ou conflituoso.

Embora a reserva com que os puristas vêem o ingresso de empréstimos lingüísticos, denominando-os, pejorativamente, *barbarismos*, esse processo é comum em todas as línguas do mundo, desde que o falante nativo esteja em contato constante com outros sistemas lingüísticos. No caso particular de empréstimos relativos ao domínio do futebol, em sua maioria anglicismos, observam-se, com freqüência, ocorrências padronizadas do tipo: a) após um período de peregrinação, sofreram adaptações de ordem fonético/fonológicas e cristalizaram-se pelo uso; b) sofreram um processo de substituição por itens lexicais autóctones (já existentes dentro da língua portuguesa); c) foram substituídos por formas vernaculizadas (traduções e decalques), de acordo com mecanismos de adaptação, próprios da estrutura ortográfica e morfossintática da língua.

No Brasil, a grafia dos vocábulos estrangeiros é regulamentada por lei (Decreto-Lei n.º 2623, de 21.10.55, simplificado pela Lei n.º 5765, de 18.12.71), logo, o respeito à norma ortográfica oficial está previsto em legislação restritiva.

Os vocábulos importados, não aportuguesados, enquanto não se adequarem às normas ortográficas estabelecidas, devem ser grafados, segundo a legislação vigente, entre aspas, em negrito, sublinhados, enfim, postos em destaque de alguma forma.

O uso indiscriminado de vocábulos estrangeiros pela mídia pode estar relacionado à falácia de que *“Todo produto importado é sempre melhor que o similar nacional”*. Tal fenômeno pode, também, ser observado no âmbito da linguagem, haja vista que, mesmo em se tratando do tecnoleto relativo ao futebol, esporte no qual a supremacia brasileira é absoluta, o emprego de itens lexicais importados continua a ocorrer com freqüência, mesmo quando existir, para eles, um correspondente vernáculo ou vernaculizado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo; a criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- AVALONE, R. **As incríveis histórias do futebol**. São Paulo: Tipo, 2001.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística:** lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BASÍLIO, M. **Estruturas léxicas do Português.** São Paulo: Ática, 1987.

CABELLO, A R. G. **Gíria e Neologismo: convergências e divergências** - Anais do Seminário do GEL, franca, 1991.

CARVALHO, N. **Empréstimos lingüísticos.** São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O que é neologismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CUNHA, C. e CINTRA, F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FEIJÓ, L. C. S. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol:** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UERJ, 1994.

FERNÁNDEZ, M do C. L O. **Futebol:** fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

GUILBERT, M. Louis. **Theorie du néologism - XXIV Congés – cahiers de la association internacionalle des ; etudes français** – trad. de João Bortollanza.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português.** Coimbra.: Almedina, 1979.

DICIONÁRIOS UTILIZADOS

COROMINAS, J. **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana.** Madrid: Gredos, 3ª ed., 1983.

DUBOIS, J. **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, A B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa – Séc. XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MARANHÃO, H. **Dicionário de futebol.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

MICHÄELIS. **Prático Dicionário Português-Inglês, Inglês Português.** São Paulo: Melhoramentos, 1987.

PENNA, L. **Dicionário popular de futebol:** o ABC das arquibancadas. Rio de Janeiro: Nova Fronteiro, 1998.

JORNAIS – MÍDIA CONVENCIONAL

FSP = Folha de São Paulo - São Paulo

GE = Gazeta Esportiva - São Paulo

GP = Gazeta do Povo - Curitiba
Lce = Lance - São Paulo
NP = Notícias Populares - São Paulo

JORNAIS – *MÍDIA ON LINE*

DSP = **Diário de São Paulo** - /www.diariosp.com.br/ - São Paulo
ESP = **Estado de São Paulo** - /www.estadao.com.br/ - São Paulo
FSP = **Folha de São Paulo** - /www.folha.com.br/ - São Paulo
GB = **O Globo** - /www.oglobo.com.br/ - Rio de Janeiro
GE = **Gazeta Esportiva** - /www.gazetaesportiva.com.br/ - São Paulo
JB = **Jornal do Brasil** - /www.jbonline.terra.com.br/- Rio de Janeiro
LCE = **Lance** - /www.lancenet.ig.com.br/ - São Paulo
O DIA = /www.odia.ig.com.br/ - Rio de Janeiro
ZH = **Zero Hora** - /www.zerohora.com.br/ - Porto Alegre

REVISTA - *MÍDIA CONVENCIONAL*

Plc. - **Placar** - São Paulo

REVISTA - *MÍDIA ON LINE*

Plc. - **Placar** - /www.placar.com.br/ - São Paulo.

SINAIS E ABREVIATURAS

[] Étimo
acr. - acronímia
fr. - francês
ing. - inglês
it. - italiano
empr. - empréstimo
s.f. - substantivo feminino
s.m. - substantivo masculino